

## Josué e a nuvem: O ALJOG/UPF<sup>1</sup> digitalizado (etapas de um processo)<sup>2</sup>

Miguel Rettenmaier<sup>3</sup>

– Ler – dizia ele – é sempre isso: uma coisa está aí, uma coisa feita de escrita, um objeto sólido, material, que não pode ser mudado; através dessa coisa entra-se em contato com alguma outra, que não está presente, alguma coisa que faz parte do mundo imaterial, invisível, porque é apenas pensável, ou imaginável, ou porque existiu e não existe mais, porque é coisa passada, desaparecida, inacessível, perdida no reino dos mortos...

Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*.

A RELAÇÃO ENTRE ACERVOS LITERÁRIOS E CULTURA DIGITAL NÃO SE LIVROU, EM DETERMINADO PERÍODO E MESMO NA ATUALIDADE, DE TENSIONAMENTOS que perceberam nas inovações tecnológicas algo de perigoso ao trabalho de preservação da memória material. Nos novos tempos, a tecla “Del” representaria o risco às coisas que se apagavam no meio do caminho de uma criação que, produzida e finalizada na tela computador, pareceria ilusoriamente transcorrer sem rasuras... Na realidade, a apreensão era localizada, e estava no que poderia atingir aos estudos sobre autores já contemporâneos às inovações da tecnologia digital. Tratava-se de, em nome dos estudos sobre a memória, temer o futuro dos acervos dos escritores posicionados segundo uma nova circunstância, focalizada por Nelson de Oliveira na antologia *Geração 90*. Esses novos autores eram, segundo Oliveira, sujeitos posicionados “longe da máquina de escrever”, e “colados no computador”, “na popularização do *personal computer*, da Internet e do e-mail<sup>4</sup>”. Tais escritores, os de computador, vale afirmar além do escopo do antologista, não apenas pertenceriam à denominada “Geração 90”, mas em grande ângulo, ao grupo de autores que, vindos dos tempos da datilografia, migravam sem resistência à digitação, deixando de legar o que era muito caro aos geneticistas, os manuscritos, seus esquemas, suas notas, suas revisões autógrafas. Para desespero da crítica, os artistas, de modo geral, adentravam sem receios ou culpas ao mundo informático-mediático, sem preservar papéis e cadernos em gavetas.

A obra organizada por Oliveira, *Geração 90*, refere, de certa forma, o campo de estudo dos acervistas também no subtítulo da antologia, “Manuscritos de computador”. A paradoxal combinação entre o real do manuscrito e o virtual dos computadores, depois de poucas décadas de experiências, da reiterada tentativa de se afirmar que rasuras eram parte das investigações da literatura e que esboços eram *corpora* dignos de se tornarem

<sup>1</sup> Acervo Literário de Josué Guimarães (Universidade de Passo Fundo – RS).

<sup>2</sup> Artigo associado ao projeto ACERVO LITERÁRIO DE JOSUÉ GUIMARÃES: PALAVRAS EM PROCESSO, apoiado pela Chamada Universal CNPq 2016. A pesquisa também se associa ao posterior projeto PQ – 2018, ACERVO LITERÁRIO DE JOSUÉ GUIMARÃES: MEMÓRIA LITERÁRIA E CATALOGAÇÃO DIGITAL.

<sup>3</sup> Professor (Titular III) na Graduação, no Mestrado e no Doutorado em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: [mrettenmaier@hotmail.com](mailto:mrettenmaier@hotmail.com)

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador: os melhores contistas brasileiros surgidas no final do século XX*. São Paulo: Boitempo, 2001, p. 9.

objetos de estudo, afirmava o perigo de que a crítica genética fosse ameaçada pela ausência asséptica de resquícios textuais. Todo um material de pesquisa seria engolido, enquanto a visualização do processo criativo dos autores fosse suprimida pelas potentes possibilidades de se excluírem valiosos elementos apenas com um toque no teclado, somente em um fatídico comando. O computador conferiria, desse modo, muito poder – poder em demasia – às decisões de um escritor sobre suas (?) coisas, sobre sua(?) arte. Aos que descendiam da filologia, da estilística e da edótica, aos que comparavam versões e projetavam ou o possível *editio princeps* ou prováveis rotas criativas de autor até a versão final, o fim do mundo de papel arruinava áreas do saber. Os escritores não deixariam mais rastros no texto limpo que restava na tela do computador, na imobilidade de um *word* ou de um PDF. As versões, tão importantes, não mais existiriam...

A questão envolvia, é claro, os futuros acervos, já que os antigos estavam muito bem resolvidos na papelada arquivada. Esses não tinham bits, seus patrimônios eram átomo, com poeira e ácaros, tudo supostamente muito bem protegido contra o tempo. E aqui, então, se estabeleciam as primeiras falsas impressões decorrentes de um pensamento rápido – como veremos em links a seguir desenvolvidos – pois:

- a. nem os acervos dos novos autores são tão assépticos e sem rastros no HD de seus computadores;
- b. nem a papelada dos velhos escritores está tão a salvo da ação do tempo, mesmo sob o domínio zeloso dos arquivos.

### **1º link: o acervista hacker ou “nem os acervos dos novos autores são tão assépticos e sem rastros no HD de seus computadores”:**

Marcia Ivana de Lima e Silva, alguns anos atrás, afirmou que o processo de investigação nos prototextos não se interromperia no mundo dos HDs. A questão do manuscrito e de seu suporte, em papel, estaria, obviamente, em posição-chave quando somem da mesa dos pesquisadores os documentos de investigação, o que, em termos de trabalho genético, resultaria, a princípio, no apagamento de partes da personalidade do escritor, de sua história criativa, dos percursos e percalços que enfrentou quando decidiu escrever. Ocorre, contudo, que nem tudo está sob risco. Ainda há muito papel a ser investigado:

Todo o arquivo de um escritor, organizado ou não, está posto num mesmo suporte: o papel. Conclui-se, portanto, que a crítica genética só funciona se encontrar esta materialidade. O que fazer agora que o mundo se tornou digital e que os escritores escrevem direto no computador? Talvez ainda não seja o momento de chorar e de decretar a morte do geneticista, por, pelo menos, duas razões: em primeiro lugar, *ainda há muitos arquivos a serem explorados, repletos de manuscritos modernos*, contendo fichários, cadernos de notas, esboços, mapas, enfim, toda sorte de documentos, cujo suporte ainda é o papel; em segundo lugar, e este é o item central da discussão, *o geneticista não estuda o manuscrito em si, mas o processo de criação revelado por ele*, por meio das rasuras, das pegadas deixadas pelo escritor durante o processo de criação<sup>5</sup>.

Além de referir os tantos arquivos materiais a serem investigados, Lima e Silva ainda refuta que as novas gerações de escritores escrevam sem deixar vestígios de seu processo criativo. Para a pesquisadora, ocorre uma transposição para o meio digital das operações encontradas no manuscrito de papel, além do fato de que os

---

<sup>5</sup> LIMA E SILVA, Marcia Ivana. Crítica genética na era digital: o processo continua. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 4, n. 2, jul. /dez., 2008, p. 149, grifo nosso.

processos mentais do escritor ganhem a dimensão digital ao serem “minuciosamente cronometrados, desde que o escritor salve seu trabalho no modo ‘Versões’ da caixa ‘Arquivo’<sup>6</sup>”. No computador está, assim, o que se pode chamar de um “rascunho digital”, um documento de uma riqueza cognitiva sem precedentes:

Nesse sentido, a era digital torna-se uma aliada da investigação genética, pois proporciona a visualização da lógica que comanda as modificações efetuadas pelo autor, abrangendo o processo criativo como um todo, além de dar uma visão global da obra, desde sua primeira ideia, o primeiro lampejo, até o texto considerado pronto para ser publicado<sup>7</sup>.

Atuando em favor de uma perspectiva menos pessimista sobre o futuro da crítica genética, há a possibilidade de que o escritor ou seu herdeiros forneçam um novo item à multiplicidade do que se classifica em um acervo literário, seja pelo disco rígido de PC do autor, seja, ainda, atualizando as considerações de Lima e Silva, pelo acesso a contas que permitiram o armazenamento e sincronização de arquivos em nuvem. Há, por certo, diferenças entre a natureza dos materiais, estejam eles parcialmente organizados, no HD ou na nuvem, estejam descentrados ou mesmo aleatoriamente sincronizados, fora das determinações de um usuário-autor. Se há a possibilidade de haver *backups* que são feitos automaticamente pelo *software* editor de texto, de movimento em movimento, em arquivos nomeados, há, também, vários registros deixados pelo usuário, no computador ou na nuvem, os quais “materializam” as movimentações – mesmo involuntárias ou em estado de *flow* – do processo criativo do artista, como caminhos projetados, trilhados, abandonados, rasurados, secretos, além de outras coisas, antes jamais reveladas... Há, aqui, também, a possibilidade de consulta aos filtros constituídos pela postura internética do autor, nas coisas que consultou, leu, buscou, pelos interesses anotados no histórico dos acessos, na personalização dos filtros promovida pelos algoritmos, já que não parece ser novidade que o monitor de nossos computadores seja “uma espécie de espelho unilateral que reflete tão só e apenas nossos próprios interesses, enquanto os algoritmos observam tudo o que clicamos.<sup>8</sup>”

A cultura digital pode, dessa forma, consentir em outras incursões de investigação, quando se observa o trabalho em acervo como uma espécie de ação ou atuação similar à de um hacker. Nesse mundo fragmentado, descontínuo, caótico, da multi e da hipermídia, haverá nos documentos, onde quer que se atualizem, no trabalho do autor, “suas pesquisas, seus rascunhos, os originais, as músicas preferidas, os livros (até mesmo anotados), sua correspondência, suas fotos, enfim tudo o que hoje temos em suporte de papel<sup>9</sup>” e muito mais do que isso. Permanecerá o processo de criação do escritor, “seus passos cronometrados” e suas rotas secretas, íntimas, que embora submetidos aos vírus e às corrosões materiais no hardware, estariam tanto “livres dos cupins, das traças, dos ácaros”, conforme sinaliza Lima e Silva, quanto, se quisermos, livres das destruições impostas pelo próprio autor, incapaz de apagar todos os seus rastros na nuvem digital de escrita e leitura, aqui tornadas quase sinônimos, o que desestabiliza mesmo os papéis sociais de quem escreve e de quem lê<sup>10</sup>.

Jean-Louis Lebrave talvez tenha sido o geneticista que primeiramente percebeu no hipertexto a atualização potencial da complexidade da relação entre leitura e da escrita e dos desafios na pesquisa dos

<sup>6</sup> Ibidem, p. 150.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 150.

<sup>8</sup> SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018, p. 73.

<sup>9</sup> LIMA E SILVA, Marcia Ivana. Crítica genética na era digital: o processo continua. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 4, n. 2, jul. /dez., 2008, p. 153.

<sup>10</sup> Obviamente a “invasão” à intimidade do autor, quando observados os seus percursos pelas redes internéticas, implica uma noção ética, uma postura que resguarde a memória do autor sem que se exponham inadequadamente dados de sua privacidade. Essa noção ética, contudo, não se altera do que já existia a quem se dedica à pesquisa em acervo literário. Na tênue linha entre o que se resguarda e o que não se deve publicar, há uma constante rediscussão nos estudos e nos procedimentos de rotina na pesquisa, no que se determina ou autoriza mesmo pelas posições dos herdeiros do autor.

manuscritos nova era digital. Em artigo publicado nos anos 90, o pesquisador pondera sobre plausíveis aproximações entre a escrita e a leitura, associadas à natureza não linear do hipertexto e à quebra das hierarquias do impresso:

Hypertext is both nonlinear and nonhierarchical. It disrupts the classifications that we use for literary and other intellectual works and relativizes the hierarchy that makes us privilege a canonical group of “great texts” at the expense of all other books. Hypertext puts *auctoritas* into question, relativizing the fixed nature of the text and destabilizing the position of the author<sup>11</sup>.

Além de superar a linearidade e de afrontar as hierarquias, sejam as que agrupam textos, sejam as que classificam pessoas em posições estereotipadas (autor/leitor), o hipertexto teria, na conexão, um de seus principais elementos, o que, de imediato, também, coloca a leitura e a escrita como atividades, em essência, hipertextuais. Pois lemos e escrevemos como pensamos, sem muros de contenção e mediante associações ininterruptas. Ler, pensar, escrever são atos de interação e em interação. E essa interação ativa-se (ou potencializa-se) no leitor perante o hipertexto, fazendo-o gerar, na leitura, hipertextos dentro do hipertexto. E mais: as práticas de escrita, em autores muito anteriores ao computador, revelam, nos documentos genéticos, que a compreensão do hipertexto pode lançar nova luz mesmo sobre a história da escrita.

Em poucas palavras, já que esse não é o objetivo desse trabalho, importa saber que, no processo de criação, como um *brainstorming* individual, a condição de hipertexto, em termos gerais, parece ser algo anterior ao texto já sob algumas definições, linearizado, e não um passo posterior ou além na história dos suportes textuais, dos orais aos digitais. Na sua natureza, em seus atributos, o hipertexto é um estado virtual nas potências criativas de um autor. Está no pensamento de quem cria, está *a priori* quanto ao linear, ao preto no branco. Segundo Lebrave:

Genetic documents illustrate how little the “natural” functioning of the mind relates to the linear, sequential, and detached mode that characterizes standard writing. All the critical work on the beginning of texts [...] demonstrates that many writers undergo periods of tension, sometime extreme, before their “writing” becomes “writing for a work”, or before the creative process succeeds in conforming a logic of qualities classically attributed to text: uniqueness, stability, cohesion, coherence, and finitude. In symmetrical fashion, the principal difficulty one meets in the study of manuscripts is precisely, the teleological model of the work, which constantly obfuscates the analysis of manuscript traces and befogs our understanding of the production process<sup>12</sup>.

Assim, no que poderia ser uma ameaça aos estudos genéticos, o universo virtual colabora, em um deslocamento teleológico, para uma abordagem que se vise mais do que um corte disciplinar profundo, amparado na materialidade de um objeto priorizado, o manuscrito. Além de qualquer limite dado, quando entram em cena na pesquisa itens desenterrados do HD ou da nuvem, manifesta-se (ou atualiza-se) uma documentação “tácita”, que pode se associar aos processos (in)conscientes de um autor. Praticamente ilesos, não corroídos pelo tempo, não atacados por parasitas, não atingidos pela flora e fauna que sempre habitam bibliotecas e espólios, esses objetos involuntários ganham uma nova percepção, pois inevitavelmente, no

---

<sup>11</sup> LEBRAVE, Jean-Louis. *Hypertext – memories – writing*. In: DEPPMAN, Jed; FERRER, Daniel; GRODEN, Michael (Eds.). *Genetic criticism: texts and avant-textes* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004, p. 221.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 234.

caos em que se encontram, na diluição em que estão, relacionam-se a algo, e isso é um ponto aos desafios de investigação. Há, contudo, que saber que, tão importante quanto nos aventurarmos no hackeamento dos computadores e mobiles de um escritor, é termos consciência de que há muito material disponível à pesquisa, e esse material, sendo perecível, precisa um novo tratamento e, sendo impresso, pode ser digitalizado e “hipertextualizado”.

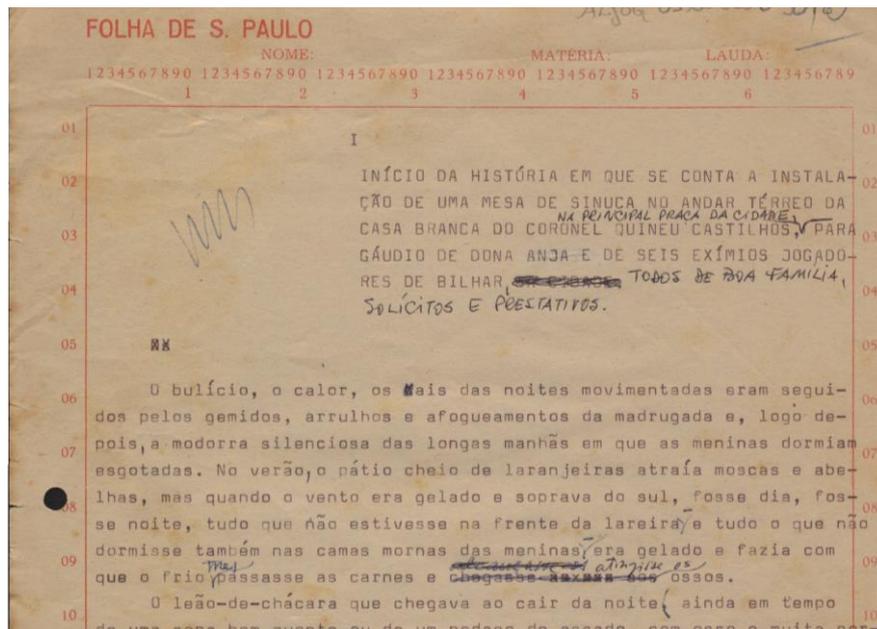
**2º link: acervista digital ou “nem a papelada dos velhos escritores está tão a salvo da ação do tempo, sob o domínio zeloso dos arquivos”**

O trabalho com a memória literária se inclui no que sobrevive ao tempo, aos seus parasitas, àquilo que previamente, na intimidade do trabalho autoral, escapou à cesta de lixo ou ao fogo da lareira ou da churrasqueira, para integrar um acervo literário futuro. Tanto quanto à mercê do teclado do computador do artista na contemporaneidade, nos tradicionais acervos materiais há enormes riscos de extravio. O que principalmente interessa aqui, neste artigo, desse modo, é a conservação e a pesquisa em acervo literário que compõem a memória de autores que jamais usaram um computador pessoal. Josué Guimarães foi um escritor datilográfico, um ficcionista de esboços manuscritos e jornalista de muitíssimas publicações na imprensa. **Seu legado é feito de coisas perecíveis** que precisam de todo e qualquer recurso para que nada seja perdido. Nesse sentido, a tecnologia tem soluções pertinentes ou até salvadoras.

Um acervo literário, com a missão de preservar a memória de um autor, luta contra a ação do *tempo* durante todo o *tempo*, no que o autor deixou preservado, no que não destruiu já nas origens de seu ambiente doméstico ou de trabalho. Da mesma forma como é uma rede viva de relações, sempre mutável pela incorporação de novos itens, sempre aberta à pesquisa em novas leituras, um acervo tem materiais frágeis e, para terror dos acervistas, únicos. Obviamente esses materiais são cuidados com zelo de protocolos, envelopados e resguardados com muita responsabilidade. Mas o tempo invade pastas, caixas e organizadores. Em se tratando, por exemplo, de um acervo de jornalista, em que grande parte de sua produção ativa está em porosas folhas de papel-jornal, o receio dos acervistas se redobra, afinal, ali se luta contra a funcionalidade daquele material impresso, qual seja, durar pouco mais do que poucos dias. Além disso, o mesmo material de outros tempos, reproduzido aos milhares para a edição de um jornal, em um acervo literário, passados anos ou décadas, torna-se exemplar único, coletado como um item singular a somar-se ao legado do autor.

Josué Guimarães, tem, entre os itens do ALJOG/UPF, milhares de publicações na imprensa, com mais de um pseudônimo. Agreguem-se a isso outras tantas milhares de páginas de originais, manuscritos e datiloscritos redigidos em pautas de redação jornalística, um papel feito para rascunho e para a lixeira.

Figura 1. Detalhe de datiloscrito de Josué Guimarães, prototexto de *Dona Anja*.



Fonte: ALJOG/UPF

No caminho de preservação a memória em um acervo como o de Josué Guimarães, estão marcas “dos cupins, das traças, dos ácaros” de outros tempos, está o amarelidão nos papéis, os dedos marcados com saliva que deixam manchas perceptíveis nas folhas manuseadas, bem como a própria propriedade dos materiais, como se pode perceber na figura 1, em um tipo de papel pouco resistente. Assim, apensar de todos os cuidados com os materiais, embora o manuseio com luvas e o acondicionamento, sabe-se que o tempo jamais se deixa vencer. Por isso, impôs-se na ordem de trabalho no ALJOG/UPF uma nova forma de arquivar os objetos – em lugar de colocar um banco de dados no acervo, o que já fora feito e oferecido problemas, tratou-se de pensar uma maneira de colocar o acervo, digitalizado, dentro de um banco de dados. Foi pensado, então, um novo método de catalogação, associado a uma ferramenta a ser construída. As ferramentas tecnológicas podem, então, permitir ao acervista e aos pesquisadores um passeio digital pelos arquivos, estejam onde estiverem os leitores, em uma pesquisa que tem todo um acervo literário digitalizado.

### *A literatura expandida em acervo literário: o catalogador do ALJOG/UPF*

As vidas humanas formam uma trama contínua, onde cada tentativa de isolar um fragmento do vivido desligado do resto – por exemplo um encontro entre duas pessoas que se tornará decisivo para ambas – deve levar em conta que cada um dos dois arrasta consigo um tecido de fatos, lugares, outras pessoas, e que desse encontro decorrerão de novo outras histórias, que por sua vez se separarão de sua história comum.

Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*.

Lucia Santaella, em um de seus últimos trabalhos, pouco antes de discutir os impactos sociais e culturais do que se produziu na era digital, dedicou parte de seus estudos às expansões de linguagens. Tal redimensionamento estaria associado aos meios e processamentos de produção, emissão, visualização, exposição,

distribuição, transmissão, difusão e recepção, bem como de armazenamento e compartilhamento, o que, em específico, interessa, neste trabalho, a um acervo literário.

Na atualização das linguagens, Santaella discute as expansões na fotografia, no cinema, na videoarte, nas artes digitais e na literatura, inserida em análogos campos de miscigenação e de embaçamento dos limites. Assim, segundo a pesquisadora, para além do código alfabético, inserido já na tela eletrônica e na memória dos computadores, o campo literário se expandiria pela ação das mídias digitais, gerando novos tipos de produções e de fenômenos estéticos ou mesmo críticos.

Santaella elenca alguns fenômenos que estariam “linkados” à condição expandida, em foco específico, da literatura, aqui rearticulada a novas produções, novos meios e outras manifestações quando o computador passa a ser *habitat* da escrita. Dentre as inovações estariam os livros digitais, os *e-readers*, com todas suas potencialidades, as revistas e blogues nas redes e, em termos de produção estética, a literatura digital, ou literatura eletrônica, segundo Hayles, “created on a computer and (usually) meant to be read on a computer”<sup>13</sup>. Nesse sentido, se para Santaella “a complementaridade entre o impresso e o digital, enriquece e fortalece o ato de ler”<sup>14</sup>, há que ser esperar que os estudos críticos também sofram atualizações com a incorporação do digital na pesquisa, já que, para a mesma pesquisadora, determinadas manifestações de leitura do digital se incorporam a um sistema literário renovado:

Para o estudo da literatura e para a análise dos textos literários, a existência de sites e blogues de autores e de movimentos de criação literária, as novas tecnologias oferecem uma importante ferramenta, prestando-lhes um grande apoio<sup>15</sup>.

A pesquisa, dessa forma, também pode se expandir em inovações, como o caso dos estudos realizados em plataformas como o recurso do Iramuteq<sup>16</sup>, o qual permite a mineração de dados em textos, com obtenção de análises quantitativas do corpus linguístico: estatísticas textuais clássicas, com contagem de palavras e classificação hierárquica, análise de similitudes e nuvem de palavras. De outra parte, a literatura expandida pode também estar associada a novas formas de classificação e relação de materiais digitalizados, postos em novas condições de leitura, no que tange, ao nosso caso, a um acervo literário. É importante que se observe que a própria crítica genética pode representar, de certo modo, um momento antecedente da atual literatura expandida, ao inserir nos estudos o que não era objeto: “o devir-texto, como estrutura em estado nascente, e a *extensão de um novo objeto*, concreto e específico, estruturado pelo tempo, o manuscrito”<sup>17</sup>. Pelos estudos genéticos, o ingresso da dimensão histórica da escritura se estabelece em suportes que passam a serem *corpora* do que antes se desconsiderava, não fossem resgatados por uma nova linha de pesquisa. Desse modo, quando a extensão dos materiais já nasce aberta ao ingresso do que não era digno de *corpus*, a expansão dos métodos de pesquisa em acervo literário pode ser base para o **ingresso de novas ferramentas tecnológicas**, as quais pode significar mesmo uma **expansão das formas de ler** quando se redimensionam formas de preservação, acondicionamento e, sobretudo, de pesquisa.

<sup>13</sup> HAYLES, Nancy Katherine. *Electronic literature*. New horizons for the literary. Indiana: University of Notre Dame, 2007, p. 3.

<sup>14</sup> SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua*. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013, [s.p.].

<sup>15</sup> *Ibidem*, [s.p.].

<sup>16</sup> A ferramenta Iramuteq foi incluída nas pesquisas do ALJOG/UPF a partir de um estudo, em nível de mestrado, de Flávia Krug, *Iramuteq em um acervo literário: amostra de um trabalho possível*, defendido em 2017.

<sup>17</sup> BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS; DELFOS, 2010, p. 36, grifo nosso.

Fazer, portanto, um banco de dados para acervo literário não representa apenas uma ferramenta de localização de itens classificados e resguardados em pastas e demais espaços de acondicionamento. Uma nova ferramenta, dadas todas as novas possibilidades informáticas, não pode se limitar a carregar um suporte de metadados, como informações estruturadas que auxiliam na descrição, identificação e localização de itens materiais, dispostos e fechados nas dependências de um acervo literário. Um banco de dados inteligente deve abrir o acervo literário, ao mesmo tempo preservando e disponibilizando a leitura desses documentos únicos, muitos deles autógrafos. A preservação dos itens, acondicionados segundo protocolos, seria assegurada, pela inserção de uma nova ferramenta digital na digitalização de documentos, cada vez menos manipulados pelos bolsistas e pesquisadores, aqui ampliados a ausência de limites espaciais, quando o item digitalizado ingressa na nuvem, o que significa ter o acervo na tela, associado, ainda, a possibilidades relacionais que podem potencializar releituras pelo confronto entre documentos, pela navegação entre os itens. Em frente à tela, o pesquisador e leitor poderão ler o manuscrito, a correspondência sobre um manuscrito, um trecho de obra rasurado, uma publicação na imprensa sobre a determinada obra posterior ao manuscrito, os esboços de uma ideia, o contrato na história editorial de uma determinada produção, as repercussões na imprensa de uma publicação, algumas peças da fortuna crítica sobre essa obra. A questão relacional, desse modo, não apenas preserva os itens das mãos do pesquisador, não apenas acondiciona os documentos para manipulação em certos momentos, mas oferece aos olhos do investidor um acervo literário em movimento pelos comandos do mouse, como todos os itens em potência, dinamizados à atualização, em todos os sentidos possíveis ao termo “atualizar”.

O catalogador do ALJOG/UPF se estabelece em um processo de muitos anos, desdobrado em mais de um projeto. Sua trajetória, obviamente está associada aos progressos técnicos e tecnológicos que são acompanhados pela pesquisa que, tanto quanto refletir sobre determinado objeto, busca tanto preservá-lo quanto constitui-lo. Um acervo literário é também feito, engendrado, pela atividade dos pesquisadores em itens que se fundamentam no/pelo olhar dos acervistas. Tanto quanto os objetos nele estão dispostos à leitura e à ressignificação dos acervistas, a própria arquitetura conceitual do espaço tem seu sentido reelaborado pelo trabalho. E essa arquitetura se altera quando se redimensionam as metas e os objetivos em um acervo literário.

O ALJOG/UPF desde sua chegada à Universidade de Passo Fundo, após a excelência do trabalho de Maria Luiza Remédios, como coordenadora do acervo na PUCRS, em Porto Alegre, preocupou-se com a catalogação digital dos itens, em tempos mesmo em que não existiam as atuais possibilidades da nuvem. É importante que se observe que o trabalho de Remédios, com base nas pesquisas de Maria da Glória Bordini, já manifestara a preocupação com a catalogação digital. No início do século, contudo, as demandas da digitalização tinham um custo muito alto, quando ainda não se disponibilizavam as atuais alternativas do *cloud computing*. A partir de 2007, ano da chegada do ALJOG em Passo Fundo por opção dos herdeiros, dada a proximidade afetiva entre Josué Guimarães e a cidade<sup>18</sup>, a preocupação e as reflexões sobre o armazenamento digital se aprofundaram na medida em que se possibilitavam inovações tecnológica às necessidades de preservação da memória.

Em 2014, na realização de um estágio pós-doutoral na Universidade de Santiago de Compostela, por parte do coordenador do ALJOG/UPF, sob supervisão de Elias T. Feijó e colaboração de Roberto Samartin, pensaram-se os primeiros movimentos do que seria um catalogador específico para o acervo de Josué Guimarães, em se tratando do tipo majoritário de produção autoral, dos gêneros textuais (ou discursivos) mais comuns no acervo e dos demais objetos que se resguardavam dentre toda a fortuna material de memória do

---

<sup>18</sup> Em 2017, por decisão dos herdeiros de Josué Guimarães, em particular, da viúva, Nydia Guimarães, o acervo do autor foi transferido para a Universidade de Passo Fundo. A transferência se justificava pela proximidade entre o autor e a cidade na qual se realizaram, por seu apoio, as Jornadas Literárias de Passo Fundo, na atualidade uma das maiores movimentações culturais da América Latina destinada à promoção da literatura e à formação do leitor. Josué Guimarães respaldou o projeto das Jornadas no início da década de 80, sendo coordenador dos debates em duas edições, até seu falecimento em 1986.

autor de *Os tambores silenciosos*. Orientaram os trabalhos a noção de que a base de dados deveria ser “inteligente” a ponto de ajudar ao pesquisador nas consultas no que se poderia relacionar em pesquisas avançadas. A questão passava da localização de um item para sua visualização na tela e associação com os demais elementos do acervo.

Os objetivos do trabalho foram constituídos nos seguintes termos:

1. Armazenar informações relativas ao arquivamento e acondicionamento dos itens visando preservação do patrimônio e da memória material de Josué Guimarães;
2. Reorganizar o corpus, itens do ALJOG/UPF, em classes e categorias, visando a digitalização dos materiais em uma base de dados (Catalogador) que permitisse o tratamento e a abordagem dos materiais (documentação) e da informação (atributos/ campos das bases de dados), mediante vários tipos de análises e técnicas associadas;
3. Permitir a consulta, a procura complexa de informações procedentes dos atributos que compõem o Catalogador, em abordagens:
  - a. Quantitativas (quantificação, ocorrências em número absoluto e percentual, frequências, gráficos etc.);
  - b. Qualitativas (em função dos atributos e categorias estabelecidos no desenho do catalogador);
  - c. Relacionais (combinando as duas anteriores e em relação com os vários eixos da estrutura do catalogador);
4. Utilizar linguagens de metadados compatíveis internacionalmente (Dublin Core).

Tais procedimentos pediam que a classificação de Bordini quanto à organização de itens, classificados, arquivados e catalogados por classe e categoria, pioneira no trabalho em acervo literário, fosse alterada, mantendo-se em muito a sua essência e, principalmente, os protocolos de trabalho, explicitados, com rigor, no *Manual de organização do Acervo Literário de Erico Verissimo*, de 1994. No que eram quinze classes<sup>19</sup>, estabelecidos para organização e catalogação em acervos a partir da experiência com o arquivo do autor de *O tempo e o vento*, o Catalogador do ALJOG/UPF restringiu-se, por sua vez, à classificação em quatro grandes grupos:

1- **Produção ativa:** Recolha de toda a produção **de** Josué Guimarães em diferentes Categorias:

- (1.1) Não Publicada: Manuscritos, datiloscritos e demais materiais em qualquer fase de elaboração da obra, relativos, às fases pré-redacional e redacional, o que pode ainda incluir textualidades pré-editoriais até o prototexto final;
- (1.2) Publicada:
  - (1.2)1. Livros: Totalidade da obra do autor publicada em livro (total ou parcialmente), em diferentes edições. Contempla a história editorial através do campo Repositório;
  - (1.2)2. Capítulo de livro: Parte de livro em coletânea, antologias etc.
  - (1.2)3. Periódicos: Recortes de jornais e revistas pertencente ao espólio do autor; matérias e reportagens jornalísticas; crônicas do autor ortônimo ou assinadas sob distintos pseudônimos; exemplares inteiros de periódicos não-acadêmicos, notícias, anúncios, entrevistas.

---

<sup>19</sup> A saber: (01) Originais, (02) Correspondência, (03) Publicações na imprensa, (04) Esboços e Notas, (05) Ilustrações, (06) Audiovisuais, (07) Memorabilia, (08) Comprovantes de Edição, (09) Comprovantes de Crítica, (10) Comprovantes de Adaptação, (11) Objetos de Arte, (12) História Editorial, (13) Biblioteca, (14) Vida e (15) Obra.

- 2- **Produção passiva (publicada):** Recolha de toda a produção **sobre** Josué Guimarães em diferentes formatos (ou Categorias), visando englobar a fortuna crítica da obra do autor e mesmo textos não profissionais de sua recepção:
- (2.1) Livro: Livros sobre o autor, teses e dissertações publicadas, coletâneas organizadas sobre Josué Guimarães;
  - (2.2) Capítulo: Partes de livros sobre o autor, capítulos de coletâneas, partes de estudos sobre Josué Guimarães; texto em periódico de natureza científica.
  - (2.3) Jornal: Publicações na imprensa sobre o autor; recortes de jornais pertencente ao espólio de Josué Guimarães;
  - (2.4) Revista: Matérias e reportagens de revistas pertencente ao espólio do autor;
  - (2.5) Audiovisual: Materiais audiovisuais, entrevistas sobre o autor, documentários, filmes, adaptações de obras;
  - (2.6) Trabalho Acadêmico: Teses, dissertações e monografias sobre Josué Guimarães, em quaisquer áreas;
  - (2.7) Web: Material publicado na web, blogs, redes sociais relacionadas à literatura e à leitura, vídeos de *booktubers*, etc.
- 3- **Correspondência:** Agrupa toda a Correspondência (passiva e ativa) do autor, além da correspondência de terceiros a respeito do autor:
- (3.1) Comercial: Correspondência relacionada à vida profissional do autor e envolvida em trâmites de natureza financeira
  - (3.2) Oficial: Correspondência vinculada às relações institucionais associados a autor e às instâncias oficiais, governamentais, e a órgãos de administração pública;
  - (3.3) Pessoal: Correspondência privada, o que inclui missivas de amigos, leitores, admiradores;
  - (3.4) Editorial: Correspondência relativa a projetos editoriais;
- 4- **Inventário:** Agrupa os objetos que fazem parte do espólio do autor, pertencem pessoais, livros, honorarias recebidas, fotografias do autor ou de pessoas de suas relações, itens de natureza variada, conservados como memória de algum evento ou situação:
- (4.1) Arte: Imagens de objetos de arte visual compostos pelo autor ou presenteados a ele, que representem sua imagem ou se relacionem a sua obra;
  - (4.2) Biblioteca: Livros da biblioteca particular do autor;
  - (4.3) Fotografia: Registros fotográficos, slides, negativos relativos ao autor ou a pessoas de suas relações;
  - (4.4) Memorabilia: Honorarias, placas, condecorações e títulos recebidos pelo autor;
  - (4.5) Objetos Pessoais: Documentos, Contratos, certidões, talonários, carteiras de identidade e identificações profissionais que comprovem fatos da vida do autor.

**Figura 2.** Quadro referência de catalogação do ALJOG/UPF

<b>1</b>	<b>Produção Ativa</b>			
1.1	Não publicada	Prototextos		
1.2	Publicada	Livro Capítulo Lv.		2.4
1.3		Periódico - Jornal - Revista		Outra: - Audiovisual - Web
<b>2</b>	<b>Produção Passiva</b>		<b>3</b>	<b>Correspondência</b>
2.1	Publicada	Livro Capítulo Livro.	<b>4</b>	<b>Inventário</b>
2.2		Periódico - Jornal - Revista		Arte
2.3		Trabalho Acadêmico		Biblioteca
				Fotografia
				Memorabilia
				Objetos Pessoais

Fonte: ALJOG/UPF

O referencial do Catalogador do ALJOG/UPF, como já observado, tem evidente relação com o *Manual de organização do Acervo Literário de Erico Verissimo*, de Bordini, como um desdobramento localizado nas especificidades do arquivo de Josué Guimarães, sobretudo por duas razões. Primeiramente, no que se refere à digitalização, Josué Guimarães, diferentemente de Verissimo, é um jornalista que escreve, em mais de uma autoria, por décadas, em vários veículos de imprensa. Isso implica a necessidade, como já apontado, de que se preservem esses materiais publicados em papel jornal altamente perecível. Em segundo lugar, quanto à nova classificação, o Catalogador foi pensado em uma tentativa de “dobrar”, “flexionar” as quinze categorias de Bordini em apenas quatro classes, as quais pretendem funcionar como eixos conexos, em rede, em um novo tipo de atualização, via conexões permitidas pelos links em que textos remetem a outros textos pelo cruzamentos de dados com auxílio do Catalogador, como ferramenta relacional.

Em 2019, por meio do Edital Universal CNPq 2016<sup>20</sup>, foi concluída (e ainda se encontra em testes) a primeira parte do catalogador, o ALJOG/UPF, relacionada à Produção Ativa de Josué Guimarães. A ferramenta, já em uso pela equipe de bolsistas e pesquisadores do Acervo, inicialmente tem sido utilizada em fase de teste para que se evoluam possibilidades de aprimoramentos, observando-se já as possibilidades de digitalização dos itens e de desenvolvimentos nas *interfaces* do software.

<sup>20</sup> Processo 403932/2016-5 – Projeto: ACERVO LITERÁRIO DE JOSUÉ GUIMARÃES: PALAVRAS EM PROCESSO (Biblioteca e Digitalização de itens).

Figura 3. Entrada do Catalogador do ALJOG/UPF

NuMe - Núcleo de Memória Literária  
ALJOG/UPF - Acervo literário de Josué Guimarães

Administração

Nome de usuário

Senha

Mantenha-me conectado

[Acessar conta](#)

ALJOG/UPF CNPq

Fonte: ALJOG/UPF

Na fase atual, a Produção Ativa conta com três possibilidades de entrada de dados: Prototextos (Produção Ativa não publicada), Livros e Periódicos (Produção Ativa publicada).

Figura 4. Input - Produção Ativa: Periódicos

NuMe - Núcleo de Memória Literária  
ALJOG/UPF - Acervo literário de Josué Guimarães

Busca Produção ativa Entidades Usuários Conta

Periódicos

Prototextos  
Livros  
Periódicos

Adicionar periódico

Filtrar Concluído Revisado

Nº elementos: 197

Numeração	Título	Categoria	Concluído	Revisado
03JOR04371	A alma de trujillo	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR02970	A batalha dos ovos	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR13971	A beira da loucura	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR20371	À beira da loucura	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR05670	A bomba relógio	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR02070	A bomba-relógio	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR10371	A crise das xicaras	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR04271	A crise das xicaras	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR05971	A descoberta dos judeus	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR14870	A doença e as horas	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR05470	A dura vida de um príncipe	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR02480	Advertências	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>
03JOR18171	A fuga dos tupamaros	Jornal	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

Fonte: ALJOG/UPF

O Catalogador tem recebido *inputs* que buscam municiar cada entrada a partir metadados que permitiam futuramente o relacionamento e a utilidade das informações. No que se refere especificamente à entrada de dados sobre os Prototextos, os metadados estão organizados em cinco modos:

- (1) Categorias, com campo com itens específicos, em tabela;

Figura 5. Input – Produção ativa: Prototextos/Categorias

NuMe - Núcleo de Memória Literária  
ALJOG/UPF - Acervo literário de Josué Guimarães

Busca Produção ativa Entidades Usuários Conta

Prototextos / Adicionar prototexto

Categorias

Categoria

Assunto

Resumo

Campos descritivos

Fonte: ALJOG/UPF

- (2) Campos analíticos, com campos para Gênero, Assunto e Resumo, sendo apenas este último aberto em campos discursivo;

Figura 6. Input – Produção ativa: Prototextos/C. analítico/Assunto

NuMe - Núcleo de Memória Literária  
ALJOG/UPF - Acervo literário de Josué Guimarães

Busca Produção ativa Entidades Usuários Conta

Prototextos / Adicionar prototexto

Categorias

Categoria

Campos analíticos

Gênero

Resumo

Campos descritivos

Fonte: ALJOG/UPF

- (3) Campos descritivos: que permitem *input* de dados de identificação, localização, tipo de suporte etc., além de permitir referências à possíveis cruzamentos de Produção Passiva.

Figura 7. Input – Produção ativa: Prototextos/C. descritivos

Campos descritivos

Título\*  Nº páginas

Primeira linha  Última linha

País  Cidade  Localização

Data

Dia  Mês  Ano

Descrição

**B I U L**

Contém

Iconografia  Rasuras  Sublinhado  Anotações

Suporte

Produção passiva citada

Fonte: ALJOG/UPF

- (4) Campos documentais: para input e upload de arquivos, objetivando especificamente a digitalização;
- (5) Campos instrumentais: para notas pessoais do pesquisador e revisões sobre as entradas de dados.

Figura 8. Input – Produção ativa: Prototextos/C. documentais e instrumentais.

Campos documentais

Documento digital completo  Subida de recursos adicionais

Documento de transcrição

Documento de la crítica genética

Imagem (jpg)

Campos instrumentais

Notas do personal investigador

**B I U L**

Campos a serem cobertos pelo Administrador:

Revisado

Concluído

Arquivo Literário de José Guimarães  
**ALJOG**  
UPF

CNPq  
UPF

Fonte: ALJOG/UPF

O Catalogador do ALJOG/UPF, ainda, como já referido, em fase de implementação, embora não permita, por agora, o seu maior objetivo, que é a análise dos materiais em abordagens quantitativas, qualitativas e relacionais, encontra-se em plena atuação no que se refere à digitalização dos itens, via Campos Documentais. Nesse sentido, o Acervo se encontra trabalhando na publicação ativa na imprensa de Josué Guimarães, no que de mais frágil e antigo se apresenta dos materiais no arquivo. O autor de Camilo Mortágua é alguém que tardiamente se dedicou à produção literária, embora desde muito jovem se dedicasse à imprensa. Nessa ordem, os materiais da imprensa são décadas mais antigos do que os prototextos de escrita literária, por isso sua digitalização é mais urgente, encontrando-se quase totalmente digitalizada, embora não ainda completamente “fichada” no Catalogador. A digitalização tem sido feita com tipos diferentes de *Scanners*, sendo priorizado em duas unidades no ALJOG/UPF, as quais não tocam no documento, apenas jogando com um facho leitor luminoso, a fim de preservar com mais cuidado itens que já apresentam as fragilidades do tempo.

É importante que se registre que muitos itens, mesmo ainda não incrementados sob metadados no sistema Catalogador, já se encontram digitalizados. Livros da biblioteca pessoal de Josué Guimarães, sob a guarda do ALJOG/UPF, higienizados, com muitos volumes assinalados, trechos sublinhados e páginas com marginais e outros destaques, passaram por processos de digitalização nas páginas que possuem marcações, o que sinaliza eventuais leituras do autor. A figura 9, por exemplo, ilustra a pesquisa no livro de Carlos H. Oberacker Jr., *Jorge Antônio Von Schaeffer: criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil*, possivelmente na constituição da trilogia inacabada, *A Ferro e fogo*, que trata da saga da colonização dos alemães no sul do Brasil. À direita, a nota sobre os que chegavam naquele tempo, rastro do impacto de leitura: “Precisavam chegar vivos!”.

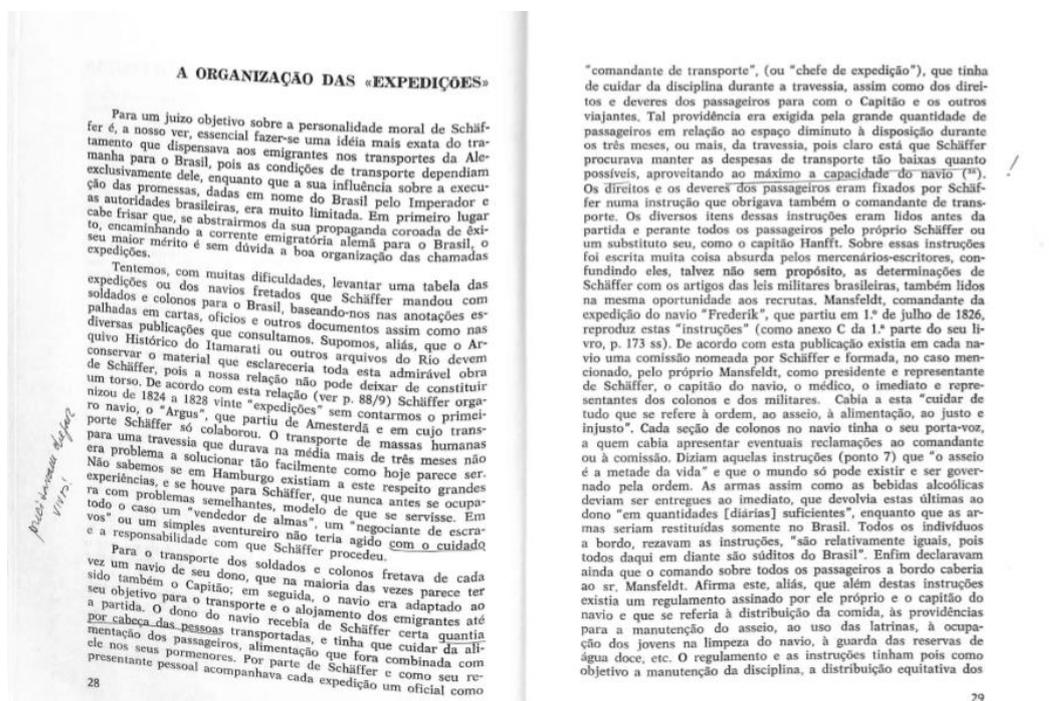


Figura 9. Assinalados em livro na biblioteca particular de Josué Guimarães

Fonte: ALJOG/UPF

O trabalho, ainda em desenvolvimento, envolve uma equipe de alunos de graduação e pós-graduação na área de Letras. Preservar a memória de um dos mais atuantes escritores gaúchos, une ao empenho dos bolsistas, os quais trabalham na diária conservação de memória do escritor, pesquisas com foco na ampliação da fortuna crítica e das discussões sobre a produção literária do autor de *Tambores silenciosos*. Esta é nossa luta. Preservar e (re)interpretar constantemente nossos objetos de estudos, construídos pelo nosso olhar e pela nossa leitura, da mesma forma como acondicionados em um espaço determinado segundo nossos métodos de trabalho no arquivo, nossas ferramentas de preservação do que de Josué chega e do que dele pretende-se que em breve chegue à nuvem.

### *Considerações finais: Se um acervista em uma leitura na tela...*

[...] nesse escritório, os livros não figuram exceto sob a forma de matéria bruta, peças de reserva, engrenagens para desmontar e remontar.

Uma rajada de vento mistura as páginas dos dois manuscritos. A leitora tenta pô-los em ordem outra vez. Resulta daí um romance único, belíssimo, que os críticos não sabem a quem atribuir. É o romance que ambos os escritores sempre tinham sonhado escrever.

Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*.

O trabalho em acervos tem em si os obstáculos de uma realidade na qual a literatura tornou-se uma presença de menor importância na vida cultural, segundo Bordini:

Com a honrosa exceção dos centros de documentação, em geral situados nas universidades e em algumas fundações, a memória da literatura brasileira depende de edições das obras dos autores em circulação no mercado de livros, – e da existência de leitores que as adquiram, leiam e conservem. Há bibliotecas digitais, mantidas por organismos oficiais, universitários ou não, de acesso mais ou menos livre a usuários plugados. Todavia, a taxa de leitura de livros ou de download de arquivos digitais não é expressiva, se considerada a população letrada do País<sup>21</sup>.

A afirmação de Bordini, mesmo que saliente as dificuldades das pesquisas em arquivos literários, considera, contudo, que o trabalho em acervo tem íntima relação com a “existência de leitores”. Dentre os itens que compõem a memória dos autores, é central a posição dos pesquisadores, de quem lê dentre a multiplicidade de documentos organizados no ambiente do acervo. Tais itens, mesmo que envelopados e acondicionados no espaço de trabalho, são “móveis”, circulam dinamicamente entre leituras, discussões, lembranças, referências, as quais podem se potencializadas por ferramentas tecnológicas. Pino e Zular são claros na colocação do estudioso no centro do trabalho:

---

<sup>21</sup> BORDINI, Maria da Glória. Os Acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. Patrimônio e Memória, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 4, n. 2, jun. 2009, p. 35.

É importante perceber que o objeto da crítica genética não é um texto, um material, mas um processo, não aquele pelo qual o escritor passou, mas aquele que o *pesquisador construiu a partir dos manuscritos que esse escritor deixou*. Dessa forma, os geneticistas não fazem nada parecido com buscar a “senha” da criação, nem têm o objetivo de recriar, passo a passo, o caminho que o escritor percorreu na elaboração de uma obra, como muitos pensam<sup>22</sup>.

Este artigo usa epígrafes da obra de Calvino pelo justo motivo de que o trabalho do acervista consiste em procurar ligações, buscar a parte perdida de algo no complexo das coisas e da vida que o tempo não pode trazer novamente, mas que podem ser projetadas pelas leituras feitas e refeitas quanto à(s) memória(s), sempre em estado de indefinição, de um autor. Entre todas as projeções, porém há sempre uma lacuna, e cada lacuna tem uma história. Para o leitor em acervo, tudo está em um encadeamento a ser (re)feito, que pode vincular uma receita médica a um texto reflexivo ou a uma passagem de um texto ficcional, um recorte de jornal à constrição de uma personagem, um recibo de transporte coletivo a uma crônica de viagens.

As epígrafes deste artigo aqui estão, pois o leitor em um acervo é um caminhante, ou viajante que busca o que pode ter de sentido nas pistas e demais rastros do que um autor deixou. Sua investigação é um trânsito e tem uma história própria, de cuja narrativa surgem novas leituras do que era antes uma coisa e se tornou outra, e do que nunca está acabado. O leitor personagem do romance de Calvino, contudo, em um acervo literário, será um sujeito que talvez logo esteja nas telas buscando a continuação de um passado e do que se mostrará, aos pedaços, ao acervista hacker e/ ou digital. E serão novas noites de inverno...

### Referências bibliográficas

- BIASI, Pierre-Marc de. *A genética dos textos*. Tradução Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS; DELFOS, 2010.
- BORDINI, Maria da Glória. Os Acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira. *Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 4, n. 2, jun. 2009, p. 35-54.
- \_\_\_\_\_. *Manual de organização do Acervo Literário de Erico Verissimo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução Margarida Salomão. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].
- HAYLES, Nancy Katherine. *Electronic literature*. New horizons for the literary. Indiana: University of Notre Dame, 2007.
- KRUG, Flávia. *Iramuteq em um acervo literário: amostra de um trabalho possível*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017.
- LEBRAVE, Jean-Louis. *Hypertext – memories – writing*. In: DEPPMAN, Jed; FERRER, Daniel; GRODEN, Michael (Eds.). *Genetic criticism: texts and avant-textes* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2004.
- LIMA E SILVA, Marcia Ivana. Crítica genética na era digital: o processo continua. *Desenredo*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 4, n. 2, jul. /dez., 2008, p. 146-154.
- OLIVEIRA, Nelson de (Org.). *Geração 90: manuscritos de computador: os melhores contistas brasileiros surgidas no final do século XX*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

---

<sup>22</sup> PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 31, grifo nosso.

RETTENMAIER, Miguel; FEIJÓ, Elias Torres; SAMARTIN, Roberto. *Bases de dados relacionais para o estudo da literatura: um projeto para o Acervo Literário de Josué Guimarães*. In: SILVA, Rogério Barbosa da; GOBIRA, Pablo; MARINHO, Francisco (Org.). *Múltiplas Interfaces: livros digitais, criação artística e reflexões contemporâneas*. Belo Horizonte: Scriptum, 2018<sup>23</sup>.

SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

\_\_\_\_\_. *Comunicação ubíqua*. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013 (Kindle Edition).

Recebido em: 27 de março de 2020

Aceito em: 23 de julho de 2020

---

<sup>23</sup> A inclusão deste trabalho dentre as referências se justifica por ser fase anterior dos estudos que permitiram o presente artigo. Embora não seja pontualmente citado no texto, encontra-se no seu desenvolvimento como etapa anterior no processo de construção do Catalogador do ALJOG/UPF.